



Universidade do Minho
Escola de Ciências

Ciência



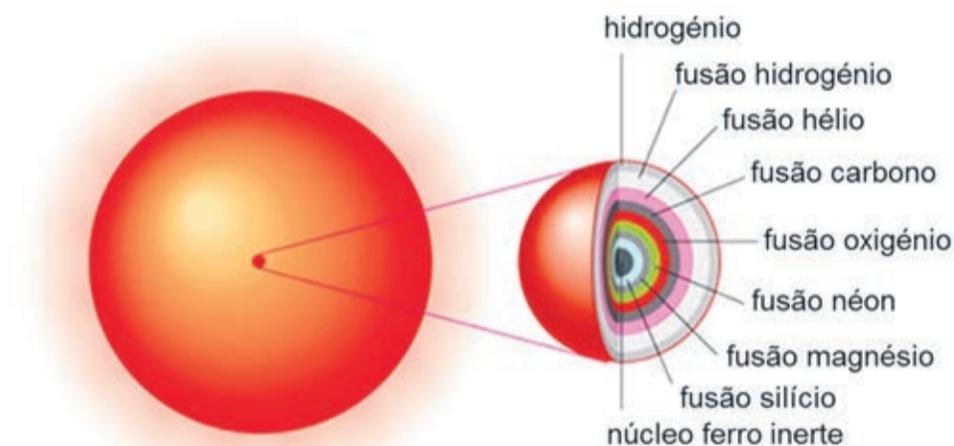
TODOS OS NOSSOS FILHOS SÃO FILHOS DE REIS ...E DE ESTRELAS!

CIÊNCIA | MÁRIO PEREIRA

O vício pela genealogia começou pelos meus 15 anos. Um dia um amigo convidou-me para ir à Biblioteca de Braga consultar, não a banda desenhada que estava disponível na pequena sala do lado da Praça do Município, mas os registos paroquiais na sala de leitura do Arquivo Distrital. Lá podíamos consultar os livros de toda a Arquidiocese de Braga e que datavam desde 1910 até bem para trás, até tempos remotos em que alguém pensou que, se calhar, era importante que todas as almas estivessem registadas em livros. Para esta curiosidade, por livros velhos que só eram consultados por pessoas com idades respeitáveis, contribuíram as estórias contadas entre pais e tios, todos oriundos do Alto-Minho, sobre um meu avô que nos seus tempos de juventude percorria quinze quilómetros a cavalo para namorar com a minha avó. E de como a família era de ricos proprietários mas um tio-avô, filho primogénito e, como tal, herdeiro de tudo, tinha gasto a fortuna da família com as "espanholas". Uma estória semelhante a tanta gente que mora na raia (semelhante de ambos os lados acredito eu).

Assim, nos anos seguintes dediquei-me à procura dos meus antepassados aprendendo os "truques" que me permitiam ir recuando no tempo. Primeiro a informação dos familiares vivos, onde nasceram e quando, a informação dos pais e avós e, com um bocadinho de sorte chegamos aos bisavós. Daqui seguimos para os registos paroquiais, de nascimento, óbito, casamento e (mais raramente) testamento. Em geral, para datas anteriores a 1910, estes livros estão disponíveis nos Arquivos Distritais onde se encontram disponíveis para consulta física ou para consulta em microfilme. A internet veio permitir, nos tempos mais recentes, que muitos dos antigos registos possam ser consultados em formato digital, comodamente em nossas casas.

Depois descobri os livros de genealogia. As compilações, os livros de costados, os nobiliários e o grande Felgueiras Gaio. E pude, em alguns casos, deleitar-me com o desenrolar do novelo que ocasionalmente nos pode levar até ao fim do império Romano.



Estrutura em camadas típica de uma estrela massiva.

DR

O brasão à direita na Quinta do Reguengo, Melgaço, está encimado por um Elmo cerimonial, com viseira de grades e as armas de:

1º quartel - Amorim
2º quartel - Sá
3º quartel - Sotomaior

4º quartel - Azevedo
5º quartel - Vasconcelos
6º quartel - Araújo



DR

Com esta pesquisa, que já leva algumas décadas, consegui obter um panorama de como evoluiu a minha família ao longo dos séculos, por onde andou, com quem se cruzou. Cheguei a reis mas também cheguei aos seus servos, e é nestes que está o desafio maior. E em termos daquilo que somos ambos têm exactamente o mesmo peso. A estatística mostra-nos que todos os portugueses devem ser descendentes de D. Afonso Henriques mas também o serão de qualquer servo dessa época cuja linha de descendência lutou arduamente durante séculos para não se extinguir.

Actualmente, a par da minha investigação com sistemas que misturam o biológico com o inorgânico, lecciono diversas cadeiras entre as quais a de Astrofísica e Cosmologia onde, em conjunto com os meus alunos, tentamos compreender a nossa his-

tória, agora não em termos dos nossos antepassados humanos mas de tudo o que constitui o nosso Universo. E onde lhes mostro que, tirando o hidrogénio (e, em muito menor escala, o lítio) todos os restantes átomos que constituem os nossos corpos foram sintetizados nas estrelas. E tudo começa no elemento mais simples, mais abundante e primordial do Universo – o hidrogénio. É com a sua fusão no núcleo das estrelas que se inicia a nucleossíntese dos restantes elementos. Primeiro o hélio, depois o carbono seguido do oxigénio, os processos continuam em múltiplas pulsões até ao ferro. Para criar elementos mais pesados a estrela reserva a sua "morte" apoteótica, a que os nossos antepassados denominaram erroneamente de supernova. Todos fomos criados nas estrelas, sendo o hidrogénio, de certa forma, o nosso antepassado comum.

Estes são factos dignos de referência quando procuramos transmitir responsabilidade às novas gerações. Todos são herdeiros de reis criados a partir das estrelas. Mas mais importante é ensinar-lhes a assumirem a responsabilidade de não serem parte da larga maioria de que falava Voltaire ao defender Newton. Serem antes parte do número extraordinariamente reduzido dos que pensam e estão interessados em mudar o mundo.

B.I.

Nome:
Mário Rui da Cunha Pereira.

Formação Académica:
Lic. Ensino de Física e Química, Doutoramento em Ciências.

Livro Favorito:
Cosmos de Carl Sagan, pela inspiração, trilogia Millenium, pelo prazer de ler.

Filme Favorito:
Blade Runner – Perigo Eminente, de Ridley Scott.

Cidade Favorita:
Braga pela familiaridade, Roma pela monumentalidade.

Músico Favorito:
The Cure, Ornatos Violeta.

Especialidade Culinária:
Os meus pais habituaram-me a gostar de tudo, desde as tripas à moda do Porto às amêijoas à Bolhão Pato.

Hobbie:
A genealogia, evidentemente.

Viagem de Sonho:
Qualquer parte do nosso planeta e arredores, desde que a viagem não seja um pesadelo.

Inspiração:
Os meus pais, a generosidade, a importância do estudo e a persistência em atingir os nossos objectivos.

Se não fosse cientista seria...
Engenheiro de qualquer coisa, tanto podia ser Agrónomo como Aeroespacial (não pelo título mas pelo fazer).

Quer fazer perguntas a um cientista?

Esta rubrica sobre a Escola de Ciências da Universidade do Minho tem também como objectivo criar uma relação entre leitores e investigadores. Alguma vez pensou em fazer uma pergunta a um cientista? Caso queira participar pode enviar todas as suas questões para sec@ecum.uminho.pt e verá as suas dúvidas esclarecidas.